



Mestre, Senhor e Deus: as expressões diante do ressuscitado no evangelho segundo João

*Master, Lord and God:
the expressions before the risen one in the gospel according
to John*

Arthur José da Silva

Resumo

Os capítulos 20 e 21 do Evangelho segundo João são aqueles que relatam as aparições de Jesus após sua ressurreição. Nestes capítulos, algumas personagens – Maria Madalena, Tomé e o Discípulo Amado – expressam algo ao se encontrarem com o Ressuscitado: Mestre, Senhor e Deus. O objeto deste artigo é o estudo destas expressões nas manifestações de Jesus ressuscitado no Quarto Evangelho. A partir de uma investigação essencialmente bibliográfica, e após apresentar um panorama geral do evangelho, bem como as características gerais dos capítulos que narram as experiências posteriores à ressurreição de Jesus, o texto busca mostrar a semântica de cada um dos três termos e como eles podem se relacionar entre si como títulos conferidos a Jesus. Terminado o percurso, chega-se à conclusão que esses termos, apesar de, num primeiro momento, parecerem estar em campos de significado distintos, conseguem se relacionar entre si a partir do reconhecimento da divindade de Jesus.

Palavras-chave: Quarto Evangelho. O Ressuscitado. Maria Madalena. Tomé. Discípulo Amado.

Abstract

Chapters 20 and 21 of the Gospel according to John are those that report the appearances of Jesus after his resurrection. In these chapters, some characters – Mary Magdalene, Thomas and the Beloved Disciple – express something when meeting the

Risen One: Master, Lord and God. The object of this article is the study of these expressions in the manifestations of the Risen Jesus in the Fourth Gospel. Based on an essentially bibliographical investigation, and after presenting a general overview of the gospel, as so the general characteristics of the chapters that narrate the experiences after the resurrection of Jesus, the text seeks to show the semantics of each of the three terms and how they can relate to each other as titles conferred to Jesus. After completing the path, it comes to the conclusion that these terms, despite, at first, appearing to be in different fields of meaning, are able to relate to each other based on the recognition of Jesus' divinity.

Keywords: Fourth Gospel. The Risen One. Mary Magdalene. Thomas. Beloved Disciple.

Introdução

Dentre os quatro evangelhos canônicos, o segundo João é o que apresenta a maior quantidade de aspectos diferentes, seja por sua teologia, por seu estilo literário, pelo vocabulário ou, inclusive, por sua estrutura. C. H. Dodd chega a afirmar que “não existe livro algum, seja no Novo Testamento, seja fora dele, realmente semelhante ao Quarto Evangelho”.¹ No tocante à sua estruturação, esse Evangelho também apresenta características próprias e a maioria dos autores o divide em duas grandes partes: o Livro dos Sinais (Jo 1,19–12,50) e o Livro da Glória (Jo 13,1–20,31), precedidas por um Prólogo (Jo 1,1-18) e encerradas por um Epílogo (Jo 21,1-25).

Os relatos das manifestações do Ressuscitado no Evangelho segundo João (Jo 20–21) compreendem parte do Livro da Glória e parte do Epílogo e ocupam posição de destaque no desenvolvimento da narrativa do Evangelho, no qual tudo converge para o mistério pascal: paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Morte e ressurreição, para João, são aspectos indissociáveis de uma só realidade, que diz respeito à glorificação de Jesus.² Embora no Novo Testamento não se tenha um relato próprio de como aconteceu a ressurreição de Jesus Cristo, algumas narrativas se detêm em apresentar o pós-ressurreição, que compreende o sepulcro vazio e as aparições do Ressuscitado. Enquanto Marcos e Mateus são mais sucintos nesses relatos, não passando de alguns versículos, os evangelistas Lucas e João dedicam pouco mais de cinquenta versículos para apresentar as aparições do Ressuscitado.

Nos relatos joaninos, outrossim, não basta apenas que se narre que Jesus aparece àqueles com os quais ele era próximo; senão que são verdadeiros relatos de encontros que provocam cada um dos encontrados a exclamar algo para Jesus culminando em

¹ DODD, C. H., A interpretação do Quarto Evangelho, p. 21.

² KONINGS, J., Evangelho segundo João, p. 346.

autênticas expressões daqueles que creram. É nessa circunstância que alguns títulos são a ele conferidos, como expressão de fé de quem os pronuncia: o Discípulo Amado, Maria Madalena e Tomé.

O capítulo 20 do Evangelho segundo João se desenvolve de forma ascendente. Num primeiro momento, a figura de Maria Madalena, diante do sepulcro vazio, que vai anunciar a Pedro e ao Discípulo Amado que o Senhor não se encontra mais onde o puseram. É nesse contexto que, ao chegar no local, o Discípulo Amado, sem ver Jesus, e, no silêncio, crê no Ressuscitado. Maria Madalena, por sua vez, faz sua experiência com Jesus ao vê-lo e escutar sua voz chamando-a pelo nome e, assim, intitula Jesus, na sua língua, de mestre. Tomé, após a aparição aos discípulos reunidos, e após um momento inicial de incredulidade, é movido a exclamar que Jesus é Senhor e Deus, com o que todo o evangelho atinge seu clímax.³ Mestre, Senhor e Deus são os atributos ao Ressuscitado que se acham ao longo do capítulo 20. No capítulo 21, por sua vez, é o momento de o Discípulo Amado exclamar algo; se, no capítulo 20, o silêncio se vincula ao fato do mesmo não ter visto Jesus, na aparição aos discípulos, no Lago de Tiberíades, é a hora do Discípulo dizer que ali se encontra o Senhor.

O contexto de cada uma das aparições, bem como dos títulos conferidos a Jesus, se compreende quando a mensagem é alargada à comunidade. A expressão de fé de cada uma das três personagens “se relaciona com um auditório ainda maior: Madalena sai para informar aos discípulos; Jesus depois de se dirigir a Tomé, se refere à massa dos que não viram, porém creram”.⁴ Já o Discípulo Amado é aquele que, conforme Jo 21,24, empregando a primeira pessoa do plural, tem seu testemunho atestado por uma comunidade, a qual R. E. Brown chama de comunidade do Discípulo Amado.⁵

Dessa forma, esse artigo tem por objetivo apresentar os títulos que são conferidos a Jesus nos relatos de suas manifestações como o Ressuscitado. Mestre, Senhor e Deus, da forma que são expressas, são palavras que ganham significado especial no contexto do Quarto Evangelho. Para o desenvolvimento da pesquisa, serão apresentados os capítulos 20 e 21 do Evangelho segundo João, com suas particularidades e como se relacionam entre si. A seguir, serão tomadas as perícopes de Jo 20,11-18; 20,19-29; 21,1-14 em que as personagens falam a Jesus como mestre, Senhor e Deus e será explorado o significado de tais palavras, quer seja no sentido em si, quer seja à luz da cristologia do Evangelho segundo João.

1. O Evangelho segundo João e as manifestações do Ressuscitado

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* afirma que “entre todas as Escrituras, mesmo do Novo Testamento, têm os Evangelhos o primeiro lugar, enquanto são o

³ DODD, C. H., A interpretação do Quarto Evangelho, p. 569.

⁴ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1468.

⁵ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 320.

principal testemunho da vida e doutrina do Verbo encarnado, nosso Salvador”.⁶ É dessa forma que o Concílio Vaticano II reitera que, dentre os escritos neotestamentários, os evangelhos possuem destaque pois são eles que apresentam a Palavra que se faz carne e habita entre a humanidade (Jo 1,14).

O Evangelho segundo João, diferentemente dos sinóticos, possui características literárias próprias, tais como: a linguagem simbólica, alternância entre prosa e poesia, algumas interferências do narrador, jogos de palavras e inclusões.⁷ No que diz respeito à estruturação do Quarto Evangelho, ele é aberto com um Prólogo (Jo 1,1-18) e se encerra com um Epílogo (Jo 21,1-25); no decurso da obra encontram-se os chamados Livro dos Sinais (Jo 1,19–12,50) e o Livro da Glória (Jo 13,1–20,31) ou, como nomeado por C. H. Dodd, o Livro da Paixão. O desenrolar da narrativa evangélica joanina se dá com um objetivo expresso pelo autor em Jo 20,31: “para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”.⁸ Os verbos em segunda pessoa do plural indicam uma exortação a uma comunidade. Além de crer no Filho de Deus, essa comunidade é chamada a reconhecer Jesus como Mestre, Senhor e Deus.

Tal reconhecimento se dá a partir da glorificação de Jesus Cristo, cujo ápice se dá com a ressurreição. O momento específico que este fato acontece não é narrado nos evangelhos, que se detêm em apresentar a ida de certas personagens ao sepulcro vazio, bem como os encontros com o Ressuscitado, cuja narrativa evangélica joanina dedica dois capítulos para narrar tais eventos. O capítulo 20 do Quarto Evangelho é o primeiro a trazer narrativas de manifestações do Ressuscitado, e seu início se dá logo após a mudança de cena que encerra o capítulo anterior, no qual, devido à proximidade do dia de sábado, o corpo de Jesus Cristo é colocado no sepulcro, que ficava num jardim (Jo 19,41-42). Ao longo de Jo 20, há destaque para, além do próprio Ressuscitado: Maria Madalena, Simão Pedro, o Discípulo Amado, Tomé, os anjos e os discípulos.

Em Jo 20,1 é dito que “no primeiro dia da semana, Maria de Mágdala foi ao sepulcro bem cedo, quando ainda estava escuro, e viu a pedra retirada do sepulcro”. Na sequência, entram em cena Pedro e o Discípulo Amado, que vão até o local e são também testemunhas do sepulcro vazio. A seguir, tem início a primeira experiência direta com Jesus ressuscitado; Maria, sem reconhecer Jesus num primeiro momento, dialoga com ele pensando que fosse um jardineiro e, apenas no momento que Jesus a chama pelo nome, ela o reconhece como seu Rabúni, ou seja, Mestre (Jo 20,16). Ainda neste mesmo dia, o primeiro, Jesus aparece aos discípulos que se encontravam reunidos saudando-os com a paz e comunicando o Espírito Santo. Neste encontro, contudo, Tomé – o único dos Doze que é nomeado em Jo 20,19-29 – não se fazia presente e não crê nas palavras dos demais que afirmavam terem visto o Senhor. Em Jo 20,26, afirma-

⁶ DV 18

⁷ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 32.

⁸Tal como esta citação, as demais serão retiradas de *BÍBLIA (A)*. São Paulo: Paulinas, 2023.

se que, passados oito dias, Jesus aparece novamente aos discípulos reunidos, e, dessa vez, Tomé acredita na ressurreição e reconhece Jesus como seu Senhor e seu Deus. Em Jo 20,30-31, há a conclusão do Evangelho segundo João, e aí se expressa sua finalidade: crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, ter a vida em seu nome.

Embora havendo uma conclusão em Jo 20,30-31, Jo 21 narra outra manifestação do Cristo ressuscitado aos discípulos, dessa vez à margem do mar de Tiberíades. Konings, sobre este capítulo, afirma que

o cap. 21 acrescenta-se ao evangelho já encerrado (20,30-31) e demonstra diferenças estilísticas e até imitação desajeitada dos capítulos anteriores. É, portanto um apêndice, ou melhor, um epílogo do editor, pois o Quarto evangelho nunca foi publicado sem ele, como mostram os manuscritos do século II.⁹

Existe, portanto, uma discussão em torno de Jo 21, mas parece haver consenso entre os estudiosos em afirmar que este capítulo é obra posterior. Este último capítulo do Quarto Evangelho possui três momentos específicos: a pesca milagrosa (1-14), o diálogo de Jesus com Pedro (15-19) e o destino do Discípulo Amado (20-22). Durante a pesca, Jesus se apresenta a eles – Pedro, Tomé, Natanael, os filhos de Zebedeu, e outros dois não nominados – mas não é reconhecido num primeiro momento; só o é a partir da exclamação do Discípulo Amado, chamando Jesus de “Senhor” (Jo 21,7), que ele é reconhecido por todos. A seguir, é apresentado um diálogo de Jesus com Pedro, em que há questionamentos sucessivos feitos sobre o amor de Pedro a Jesus; esta seção conclui-se com um pedido de Jesus: “Segue-me”. Dentre os diálogos com o Ressuscitado no capítulo 21, o último é a indagação de Pedro sobre qual será o destino do Discípulo Amado.

Assim se apresentam as manifestações de Jesus Cristo após sua ressurreição no Evangelho segundo João. Mestre, Senhor e Deus são as expressões que as personagens exclamam diretamente ao Ressuscitado. Tais expressões, no senso comum, são palavras corriqueiramente utilizadas. O Dicionário Houaiss da língua portuguesa dá algumas pistas de compreensão destes três substantivos masculinos. Para mestre, o dicionário aponta como sendo alguém que possui algum saber ou competência em alguma ciência ou arte. Num domínio semântico diferente do ensino, mestre é também uma forma de tratamento que pode ser empregada.¹⁰ No que diz respeito à palavra senhor, o mesmo dicionário indica que é alguém que possui algo, ou que é proprietário; semelhante a “mestre”, é frequentemente utilizado como um pronome de tratamento respeitoso. Em outro campo semântico, o dicionário relaciona o verbete “senhor” com “Deus, especialmente na pessoa de Jesus Cristo”.¹¹ Sobre o termo Deus, a língua portuguesa

⁹ KONINGS, J., *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 367.

¹⁰ HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M., *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 1280.

¹¹ HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M., *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 1728.

compreende, naquilo que concerne ao cristianismo, como sendo cada uma das três pessoas da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.¹²

No Evangelho segundo João, estas expressões ganham um sentido a partir da narrativa do autor sagrado, bem como expressam um propósito. Deixam de ser apenas palavras comuns, ou que possuem um significado restrito, e tornam-se títulos para Jesus Cristo. Estes títulos, inclusive, são chave de compreensão para a cristologia contida neste Evangelho.¹³ A seguir, será abordado especificamente como, nos capítulos 20 e 21, as expressões “mestre”, “Senhor” e “Deus” se apresentam e o que elas significam em todo o contexto das manifestações do Ressuscitado bem como para o Quarto Evangelho.

2. Os títulos de Mestre, Senhor e Deus dados ao Ressuscitado

Nos capítulos 20 e 21 do Evangelho segundo João, algumas personagens são principais nos relatos de aparição do Ressuscitado. Maria Madalena e Tomé, ao longo de Jo 20 exclamam, respectivamente, “‘Rabúni’, que quer dizer Mestre” (Jo 20,16) e “meu Senhor e meu Deus” (Jo 20,28). Em Jo 21 é o momento do Discípulo Amado: aquele que outrora viu e acreditou, agora exclama “é o Senhor” na aparição no mar de Tiberíades (Jo 21,7). As experiências de cada uma das personagens, culminando com exclamações de títulos conferidos a Jesus são alcançadas através de uma experiência de fé proporcionada pela experiência do olhar; Mendonça,¹⁴ inclusive, nomeia o Evangelho segundo João como o Evangelho da fé e também o Evangelho do olhar. A seguir será apresentado o significado de cada um desses títulos, e como eles se relacionam entre si.

2.1. “Rabúni”, que quer dizer: Mestre

A primeira personagem que exclama algo para o Ressuscitado é Maria Madalena. Ao escutar Jesus Ressuscitado chamar o seu nome (Jo 20,16) exclama de súbito: Rabúni, que o evangelista diz significar “Mestre”. Rabúni, tal qual no Evangelho segundo João, aparece apenas em Mc 10,51, e é derivada de outra palavra em aramaico: rabi. Este, por sua vez, é um termo que, no Novo Testamento, aparece somente em Mc, Mt e Jo, sendo recorrente neste último por oito vezes, das quais sete são dirigidas a Jesus (Jo 1,38; 1,49; 3,2; 4,31; 6,25; 9,2; 11,8). No *Léxico grego-português do Novo Testamento*, Louw e Nida afirmam que rabi se refere a “um erudito e professor dos judeus, reconhecido por sua especialidade na interpretação das

¹² HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M., Dicionário Houaiss da língua portuguesa, p. 675.

¹³ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 48.

¹⁴ MENDONÇA, J. T., A mística do instante, p. 139.

Escrituras”¹⁵ e situam a palavra no campo do ensino. Rabi ainda seria o tratamento dado por um aluno dos escribas a seu mestre, e evidencia uma relação de proximidade, significando “meu mestre”.¹⁶ Na época em que o Novo Testamento foi escrito, ser chamado de rabi teria deixado de ser uma forma de tratamento e seria equivalente a um título de honra, ou ainda ser chamado de “senhor”.¹⁷

Por duas vezes o autor do Evangelho, em forma de glosa, afirma que rabi e rabúni significam “mestre” (Jo 1,38; 20,16). O mestre, neste contexto, se apresenta como um homem, “que traz instrução ou ensina”.¹⁸ A primeira e a última ocorrência, tal como uma inclusão, mostram o ensino de Jesus ao longo de todo o Quarto Evangelho. A primeira atestação de Jesus que une rabi como mestre é em Jo 1,38, quando os discípulos de João Batista, ao verem Jesus, assim o identificam; a última vez é utilizada por Maria Madalena na sua expressão diante do Ressuscitado (Jo 20,16).

A expressão utilizada por Maria Madalena chama a atenção: há o emprego de rabúni e não rabi, que é mais recorrente no Quarto Evangelho. Nessa questão, destaca-se a informação do autor sagrado que rabúni está em hebraico, quando na verdade está em aramaico. Ridderbros¹⁹ afirma que o uso do termo em aramaico – ou hebraico, como o texto sagrado indica – serve para apontar uma pregressa relação pessoal entre Maria e Jesus, ou seja, discípula e mestre. Além do mais, João traduz o termo a fim de que os leitores gregos compreendessem o significado de rabúni. O Ressuscitado, de fato, é o mesmo Jesus que conheceu Maria e que também se deixou conhecer. Ao ouvir a voz do Mestre chamando-a pelo nome, há um reconhecimento seguido de uma resposta indicando pertença: o Rabúni é o Mestre que Maria havia conhecido e que por ele possui afeto.

Outro ponto é o fato de rabúni – apesar de se encaixar no mesmo campo semântico de rabi – apresentar um caráter afetivo, ou de relacionamento pessoal, descrevendo certa proximidade e tendo como significado mais fiel “meu querido rabi/senhor. Todavia, a tradução inserida no versículo pelo autor do Quarto Evangelho não deixa transparecer tal afeição pois, no relato, a tradução indicada é apenas “Mestre”.²⁰

Jesus, de fato, foi um mestre reconhecido por muitos, e este título foi empregado a ele muito mais que outros. Jesus, portanto, na compreensão dos evangelhos era um mestre tal qual se compreendia no mundo judaico: um homem que estudava, lia, entendia e interpretava as Escrituras. No Evangelho segundo João, por sua vez, o ensinamento de Jesus está diretamente relacionado com a missão do Filho, que é praticar o ensino daquele que o enviou: o Pai (Jo 7,16). Jesus, portanto, se comporta

¹⁵ LOUW, J.; NIDA, E., *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*, p. 372.

¹⁶ MCKENZIE, J. L., *Dicionário bíblico*, p. 702.

¹⁷ LAPIN, H., *Rabbi*, p. 600-602.

¹⁸ LOUW, J.; NIDA, E., *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*, p. 372.

¹⁹ RIDDERBOS, H. N., *The Gospel according to John*, p. 637.

²⁰ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho segundo João*, p. 1463-1464.

como aquele que revela os ensinamentos do Pai, tal qual os mestres no Antigo Testamento, que revelavam Deus aos seus seguidores.²¹

No tempo de Jesus, apenas os homens tinham acesso aos estudos. O discípulo do mestre, aquele que recebia a instrução era, necessariamente, do sexo masculino. É interessante notar que Maria Madalena, mesmo sendo mulher e sem ter acesso à instrução da Lei tal qual os homens, reconhece Jesus como sendo mestre. Ela é, portanto, a primeira mulher que chama Jesus de rabúni, ou seja, “meu querido mestre”. Maria se torna, além da primeira testemunha de Jesus após a ressurreição, aquela que abre caminho para toda a comunidade – formada por homens e mulheres – também chamá-lo assim. Se rabúni/rabi, no tempo da redação do Evangelho segundo João, possuía um caráter de ser apenas um título de honra, por Maria esta expressão ganha força tornando-se um título conferido a Jesus após a ressurreição. Jesus Ressuscitado é, pois, o Mestre de toda a comunidade. Através de Maria o ensinamento do Mestre se manifesta (Jo 20,18), de forma que não apenas ela o chame de Mestre, mas todos aqueles que creem.

2.2. O Senhor

João, em seu evangelho, indica que Tomé e o Discípulo Amado reconhecem Jesus como Senhor (Jo 20,28; 21,7). Essa palavra possui um amplo significado, que passa por um longo arco temporal. No Egito antigo, este termo surge sendo aplicado a divindades. No Antigo Testamento, Senhor é equivalente ao nome de Deus, e, na LXX, o Tetragrama Sagrado é assim traduzido; já no Novo Testamento, vindo do ambiente helenista, estava relacionado a um sentido de posse e autoridade sobre algo ou alguém – ser senhor de algo, ou de um escravo, por exemplo – e até o século I não aparecia de forma isolada, mas no genitivo, exprimindo este sentido de pertencimento.²²

Num sentido original, este termo – senhor – poderia ser utilizado tanto a homens quanto a divindades. O significado da palavra utilizada pelo evangelista significa de forma mais direta “mestre”, tal qual uma forma de tratamento, empregada a pessoas que possuíam algum destaque, como os rabinos. Seria também aquele que dispõe, de forma legal, de algo ou alguém. Unir a pessoa de Jesus ao título de Senhor seria de origem pré-paulina e se identificaria com o hino cristológico contido em Fl 2,6-11.²³ No que diz respeito ao Quarto Evangelho, pode-se notar que algumas personagens identificam Jesus como Senhor. Contudo, o autor sagrado, enquanto narrador, pouco se refere a Jesus como o Senhor nos relatos antes da ressurreição, exceto em Jo 6,23 e em Jo 11,2, versículos sobre os quais pesa a suspeita de serem acréscimos posteriores.²⁴

²¹ MCKENZIE, J. L., Dicionário bíblico, p. 257-259.

²² MCKENZIE, J. L., Dicionário bíblico, p. 787.

²³ IMSCHOOT, P.; SCHOORS, A., Senhor, p. 1237-1239.

²⁴ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 133-134.

Ao longo de Jo 20, a palavra “senhor” aparece sete vezes, sendo uma delas utilizada por Tomé.²⁵ Em Jo 20,19-29, Tomé reconhece Jesus não como sendo um simples mestre ou alguém de destaque, muito menos como o senhor de outrem, nem emprega a palavra de forma isolada, mas acompanhada do pronome possessivo “meu”, destacando que o Ressuscitado é seu Senhor. Dessa forma, “Senhor”, para Tomé, ganha a designação de um título para Jesus, tal qual aplicado a Deus.²⁶ De acordo com C. H. Dodd “o *kýrios mou* identifica aquele que apareceu como o ‘Jesus da História’”.²⁷ Nessa cena do evangelho, Tomé realiza uma profissão de fé dando um salto na compreensão simples do senhor como um tratamento dado aos homens, para chegar ao ponto de reconhecer Jesus como o Senhor. “Jesus é ‘Senhor’, portanto, a partir de sua humanidade: é o Homem acabado que, respondendo até o final à sua consagração pelo Espírito, realizou em si a plena potencialidade do homem”.²⁸

A única outra ocorrência da expressão “meu Senhor” no Evangelho segundo João havia sido no diálogo de Maria Madalena com o suposto jardineiro, quando Maria se refere a Jesus como sendo seu Senhor (Jo 20,13). Ambos os momentos se caracterizam por serem experiências pessoais, e corroboram com o uso do pronome possessivo na primeira pessoa do singular. O Senhor que Tomé reconhece profere um macarismo diante da situação: “felizes aqueles que não viram e creram” (Jo 20,29); e esta é a atitude do Discípulo Amado.

O discípulo que Jesus amava é outra personagem que exclama que o Ressuscitado, diante dele, era o Senhor (Jo 21,7). Anteriormente, ainda como testemunha do sepulcro vazio, o Discípulo Amado é aquele que, mesmo sem ver o Ressuscitado, ou sem a necessidade de tocá-lo, como Tomé, acredita na ressurreição (Jo 20,8). O evangelista, provavelmente, tem o intuito de apresentá-lo como modelo para o leitor que também terá que vivenciar o desafio de crer sem ter visto. Diferente de Tomé, o Discípulo Amado, à beira do mar de Tiberíades, exclama “é o Senhor”, com a utilização do verbo ser antes do título a Jesus. R. E. Brown²⁹ destaca que a utilização do verbo ser se une às diversas ocorrências das proposições tipo “eu sou” contidas no Evangelho segundo João. Uma das sete proposições do tipo “Eu sou” se dá em Jo 11,25, quando Jesus se apresenta como “a ressurreição e a vida”. Dessa forma, o Discípulo Amado compreende e exclama que o Ressuscitado “é o Senhor”.

A cena de Tomé, portanto, se caracteriza como de grande valor nos relatos de aparição do Ressuscitado pelo fato da confissão que o apóstolo faz.³⁰ De forma semelhante, o Discípulo Amado, o mesmo que diante do sepulcro vazio “viu e acreditou” (Jo 20,8), é agora quem primeiro reconhece e exclama, antes dos demais discípulos, “é o

²⁵ KONINGS, J., Evangelho segundo João, p. 359.

²⁶ LOUW, J.; NIDA, E., Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos, p. 126.

²⁷ DODD, C. H., A interpretação do Quarto Evangelho, p. 553.

²⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 56.

²⁹ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1563.

³⁰ DODD, C. H., A interpretação do Quarto Evangelho, p. 552.

Senhor” (Jo 21,7), conferindo aos outros discípulos, bem como a toda a comunidade que recebe o Evangelho, a oportunidade de reconhecer o Senhor (Jo 21,12).

2.3. Meu Deus

Dentre as aparições do Ressuscitado, aquela diante de Tomé provoca certa inquietação. Quando o apóstolo exclama, “meu Senhor, e meu Deus” realiza a maior confissão de fé do Evangelho segundo João.³¹ Já foi apresentado o sentido de Tomé reconhecer Jesus como Senhor. Agora deve-se levar em consideração a segunda parte da exclamação: meu Deus. Dentre os títulos cristológicos presentes no Quarto Evangelho, um deles é o que caracteriza Jesus como Filho de Deus. C. H. Dodd, em seu estudo sobre a expressão Filho de Deus no Quarto Evangelho, diz que ele “é aquele que é investido ou delegado por Deus para a humanidade. [...] Como delegado do Pai, o Filho fala as palavras de Deus, e faz as obras de Deus, ambas, porém, em estreita sujeição ao Pai”.³² Para o mesmo autor, o Filho de Deus é tal qual os profetas, no Antigo Testamento, pois eram pessoas que cumpriam suas funções enviadas por Deus. Contudo, a função do Filho, diferentemente da dos profetas, possui um sentido pleno, pois enquanto no Antigo Testamento os profetas tinham um ideal a alcançar, para o evangelista “a obra do Filho é igual e indistintamente a obra do Pai”.³³ Com isso, nota-se uma clara relação entre o Pai e o Filho.

O Prólogo do Quarto Evangelho vai, pouco a pouco, apresentando uma identificação entre a Palavra – ou seja, o Filho – e Deus. Em Jo 1,1 a “Palavra era Deus”; em Jo 1,14 “a Palavra se fez carne” e a glória manifestada da Palavra é como a “do Unigênito Deus” (Jo 1,18). O termo grego, no Novo Testamento, para Deus é θεός (Deus), e a tarefa de identificar Deus com Jesus parte, justamente, do Prólogo. O *Léxico grego-português do Novo Testamento*, sobre o termo θεός (Deus), relacionando-o com a λογός (palavra) aponta que:

Em Jo 1.1, “a Palavra era Deus”, o significado de θεός pode ser descrito com base no fato de que todos os elementos componenciais de θεός são aplicados ao referente λογός, que, por sua vez, é identificado com “Cristo”. Isto não deve ser interpretado como indicação de que os dois referentes são idênticos [...], mas que os elementos distintivos ou traços semânticos de θεός são também plenamente aplicáveis a outro referente, a saber, o λογός ou Cristo.³⁴

Há, portanto, deste o início do Quarto Evangelho uma relação íntima entre Deus e a Palavra, ou seja, entre Deus e seu Filho, Jesus Cristo. A exclamação de Tomé, numa

³¹MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 309.

³²DODD, C. H., A interpretação do Quarto Evangelho, p. 336.

³³DODD, C. H., A interpretação do Quarto Evangelho, p. 340.

³⁴LOUW, J.; NIDA, E., Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos, p. 124-125.

das aparições do Ressuscitado, ratifica esta relação pois é da boca de Tomé, que se encontra o único relato nos evangelhos em que Jesus é diretamente reconhecido por outra pessoa como Deus.

Nas aparições do Ressuscitado, Jesus é identificado com os títulos de Mestre e Senhor e, com Tomé, além de Senhor, ele é chamado de Deus – que não é algo comum no Novo Testamento – e evoca o Sl 35,23. Dessa forma, Tomé abre o caminho para a compreensão de Jesus como Deus, da mesma forma que, no Antigo Testamento, Israel reconhecia o único Deus.³⁵ Brown ainda explica que

o uso que o NT faz de “Deus” para Jesus ainda não é realmente uma formulação dogmática, mas aparece num contexto litúrgico ou cútico. É uma resposta de louvor ao Deus que tem se revelado em Jesus. Assim, o “Senhor meu e Deus meu” de Tomé é estreitamente paralelo a “A palavra era Deus” no verso inicial do hino que foi prefixado ao Quarto Evangelho.³⁶

Até esse momento, não se tem muita clareza sobre a divindade de Jesus. Algumas cartas mais tardias é que explicitarão melhor a relação entre a identidade de Jesus e Deus, a exemplo de Tt 2,13 e 2Pd 1,1, cujas datas de redação circulam entre o final do século I até por volta do ano 130. Percebe-se, assim, que há certa dificuldade em reconhecer Jesus como Deus, num primeiro momento, na comunidade cristã pois esta realidade surge num ambiente judaico, no qual não se tinha uma concepção trinitária de Deus. Pelo fato de o Evangelho segundo João estar inserido nesta perspectiva, o autor evidencia este ponto de vista.³⁷

Desse modo, a exclamação de Tomé une-se às demais, e ganha sentido quando compreendida na sua forma completa, no reconhecimento de Jesus como Senhor e Deus. Os termos, embora pareçam sinônimos, por si só não o são. Se em “Senhor” há um significado implícito da divindade, que faz eco ao Antigo Testamento, excluir “meu Deus” remonta à identidade da Pessoa divina de Jesus, que João procurou explicitar ao longo do Quarto Evangelho. A partir do uso do pronome possessivo “meu”, Tomé indica Jesus como sendo o caminho para o Pai, que é o mesmo Deus revelado a Maria Madalena em Jo 20,17.³⁸ Caminho este que se vive plenamente na comunidade cujo Deus é anunciado. O Ressuscitado é, portanto, Deus e Senhor e há uma firme convicção dos primeiros cristãos que Jesus, o Filho de Deus, participa de forma autêntica da divindade de seu Pai, e isso se demonstra a partir de suas obras e sinais ao longo do Quarto Evangelho, que culmina com a sua glorificação.³⁹

³⁵ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1534.

³⁶ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1534.

³⁷ CASALEGNO, A., “É o Senhor!”, p. 106.

³⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 56.

³⁹ BACH, D., Deus, p. 378.

A profissão de fé de Tomé está unida ao fato de ver o Ressuscitado; reconhecer Deus, portanto, está relacionado com ver Jesus diante de si. Ninguém tem visão direta de Deus, mas, pela fé, esta visão é alcançada.⁴⁰ O reconhecimento de Jesus como Deus, por Tomé, portanto, é o ápice da cristologia no Evangelho segundo João. Dentre os títulos já exclamados e apresentados, a fé de Tomé dá a possibilidade de a comunidade reconhecer o Ressuscitado, que dá por amor a sua vida (Jo 13,1), como Deus.

Conclusão

Ao longo do Evangelho segundo João, uma cristologia é apresentada e construída a partir dos relatos que o evangelista fornece. As partes do evangelho delineiam os fatos da vida de Jesus que, paulatinamente, apresentam quem ele é, o que ele fez, qual a sua missão e como o autor sagrado apresenta tudo isso a fim de que os leitores possam crer que, de fato, Jesus é o Filho de Deus. Ser, portanto, Filho de Deus, é um dos tantos títulos expressos ao longo desta narrativa evangélica. A este título, somam-se os de Mestre, Senhor e Deus, cujos significados se entrelaçam a partir da missão do Filho, de seu envio pelo Pai.

Maria Madalena, na sua experiência com Jesus após a ressurreição, exprime diante de Jesus que ele é o seu Mestre. Um mestre já conhecido, que a tinha transmitido os ensinamentos do Pai e que agora se apresenta vivo. A experiência de Maria é tão intensa que não pode ficar de fora dos relatos do evangelista. Reconhecer Jesus como Mestre é reconhecer que suas palavras são espírito e vida (Jo 6,63); que o ensinamento de Jesus é o ensinamento do Pai, daquele que o enviou (Jo 7,16). Ser Mestre, portanto, na exclamação de Maria Madalena, é também, de certo modo, reconhecer a divindade de Jesus como aquele que vem de junto do Pai. Tal expressão não se fecha apenas no que Maria fala, mas se alarga a toda a comunidade: Jesus além de ser Mestre de Maria, o é de toda a comunidade que acolhe seu ensinamento.

Tomé e o Discípulo Amado, no reconhecimento de Jesus como Senhor conferem, semelhante a Mestre, o reconhecimento da divindade de Jesus. Quer seja o Senhor que Tomé exclama após ser incrédulo, quer seja o Senhor que o Discípulo Amado reconhece no Mar de Tiberíades, ambos se comportam como uma autêntica expressão de saber quem estava presente diante de cada um deles; não somente um senhor de alguém, expressando posse, mas de fato Deus, tal qual se compreendia o Senhor no Antigo Testamento. O Ressuscitado, portanto, se deixa conhecer pela sua transcendência; não é apenas um homem que já se conhecia anteriormente, mas é, de fato reconhecido como Deus.

Deus, por fim, é também como Tomé expressa diante de Jesus. Um reconhecimento único e que marca o Quarto Evangelho. Jesus é Deus não mais por analogias, por comparações ou de uma forma metafórica. O evangelista narra a

⁴⁰ DODD, C. H., A interpretação do Quarto Evangelho, p. 249-250.



expressão de Tomé com o intuito de que todos cressem que aquele que aparece para aquele que não acreditou num primeiro momento é o verdadeiro Deus que se fez carne e armou sua tenda entre a humanidade. Mestre, Senhor e Deus são, assim, títulos conferidos a Jesus que demonstram sua atividade, sua missão, sua divindade em meio aos homens, para que todos pudessem crer e ter vida em seu nome (Jo 20,31).

Referências bibliográficas

BACH, Daniel. Deus. In: **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola, Paulus, Paulinas, Academia Cristã, 2013; p. 376-378.

BÍBLIA (A). São Paulo: Paulinas, 2023.

BÍBLIA Sagrada: tradução oficial da CNBB. Brasília: CNBB, 2021. 5ª edição.

BROWN, Raymond E. **Comentário ao Evangelho segundo João**. Vol. II. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020.

CASALEGNO, Alberto. **“É o Senhor!”**: estudos dos relatos da ressurreição no Evangelho de João. São Paulo: Loyola, 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**: (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.

DODD, Charles H. **A interpretação do Quarto Evangelho**. São Paulo: Teológica, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S.; FRANCO, Francisco M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IMSCHOOT, Paul Van; SCHOORS, Antoon. Senhor. In: **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola, Paulus, Paulinas, Academia Cristã, 2013. p. 1237-1239.

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João**: amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.

LAPIN, Hayim. Rabbi. In: FREEDMAN, David N. (Ed.). **Anchor Bible Dictionary**. Vol. V. New York: Doubleday, 1992; p. 600-602.

LOUW, J.; NIDA, E. (Eds.). **Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 372.

MAGGIONI, Bruno. O evangelho de João. In: FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os evangelhos II**. São Paulo: Loyola, 2006; p. 249-497.



- MALZONI, Cláudio V. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **Vocabulário teológico do Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983.
- MENDONÇA, José T. **A mística do instante**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- NOVO Testamento grego (O)**: com introdução e aparato em português. Barueri: Deutsche Biblegesellschaft; Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. 5. ed.
- RIDDERBOS, Herman N. **The Gospel according to John**: a theological commentary. Michigan: Eerdmans, 1997.

Arthur José da Silva

Graduado em Filosofia e Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco

Recife / PE – Brasil

Email: arthrujose.s@gmail.com

Recebido em: 17/04/2024

Aprovado em? 10/10/2024